



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### “RAINHAS DO LAR?”: GÊNERO E EMPREENDEDORISMO NO RAMO DE PENSIONATOS EM VITÓRIA DA CONQUISTA

João Reis Novaes\*  
(UNEB)

Alex dos Santos Guimarães\*\*  
(UESB)

Daniela Pinheiro Lessa Alves\*\*\*  
(UESB)

Joseane Gomes Moreira\*\*\*\*  
(UESB)

Paula Lacerda Pio Flores\*\*\*\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O presente trabalho examina as atividades empreendedoras desenvolvidas por mulheres no ramo de pensionatos em Vitória da Conquista, problematizadas a partir da categoria gênero, sob o viés da crítica feminista da linha anglo-americana. Propomos identificar motivações e fatores exógenos que favoreceram o empreendedorismo no ramo de pensionatos, para examinar o binarismo público/privado, com vistas a percebermos o papel que é destinado às mulheres pelo discurso patriarcal e opressor da sociedade ocidental, identificando a partir de pesquisa realizada em campo como as mulheres empreendedoras no ramo de pensionatos, da cidade supracitada, conseguem negociar com o script social que lhes é imposto historicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empreendedorismo, Gênero, Público/privado.

---

\* Mestre em História Social pela UFBA. Professor do Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas, Campus XVIII, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: [jrnovaes@bol.com.br](mailto:jrnovaes@bol.com.br)

\*\* Mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela UFSJ, bolsista do FAPEMIG. [lexhisto@yahoo.com.br](mailto:lexhisto@yahoo.com.br).

\*\*\* Graduanda em História pela UESB. E-mail: [daniela.lessah@hotmail.com](mailto:daniela.lessah@hotmail.com)

\*\*\*\* Graduanda em Administração pela UESB. [joseanew7@hotmail.com](mailto:joseanew7@hotmail.com)

\*\*\*\*\* Graduada em Administração pela UESB. Especialização em Curso em Gestão do Conhecimento para a Inovação e Empreendedorismo. E-mail: [paulapioflores@hotmail.com](mailto:paulapioflores@hotmail.com)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o município de Vitória da Conquista possui uma população em torno de 310 mil habitantes e uma área de 3.743 km<sup>2</sup>, seria inexequível para o grupo de pesquisadores, bem como o tempo disposto à realização deste artigo, abordar em sua completude todos os pensionatos existentes na cidade. Assim, partindo da averiguação de que muitos estudantes buscam, como forma de economizar tempo e dinheiro, pensionatos próximos às suas instituições de ensino, delimitamos cartograficamente as seguintes localidades para a efetivação da nossa pesquisa: Candeias, BNH, URBIS I, Morada do Bem-Querer, INOCOOP I e II, Vila Emurc e Recreio - região onde se concentram cinco das seis Instituições de Ensino Superior do município.

Os deslindamentos teórico-metodológicos sobre a categoria gênero torna-se necessária devido a pouca atenção dada por parte de um número significativo de trabalhos que buscam relacionar empreendedorismo e gênero. Ademais, se é possível evidenciar que muitos dos estudos na área de empreendedorismo sugerem em seus corpus de análise a categoria gênero, parece-nos razoável assinalar que eles carecem ainda de um estudo mais aprofundado do gênero enquanto constructo sócio-cultural daquilo que se convencionou chamar de “feminino” e “masculino”. Nesse sentido, é possível ponderar que tais estudos fazem uso da categoria gênero de maneira indiscriminada, sugerindo uma negligência ou até mesmo desconhecimento das diferenças que marcam algumas categorias como “mulher”, “mulheres”, “sexo” e “gênero”. Por conta disso, o nosso trabalho se insere em uma perspectiva muito mais provocadora do que propriamente conclusiva.

As transformações ocorridas no movimento feminista priorizavam reivindicações de acordo com o tempo contextual vivido. Desta forma, Pedro



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

(2005) interpreta o percurso dessas reivindicações à luz de duas “ondas” do movimento. A primeira, que se desenvolveu no final do século XIX, marcava a reclamação pelos direitos políticos e do trabalho remunerado; já a segunda, que surge no final da Segunda Guerra Mundial, priorizava o direito sobre o corpo, entendido pelo exercício do poder masculino na subordinação do feminino, em torno das atividades domésticas.

No início da “segunda onda”, a categoria gênero ainda estava ausente. Neste princípio, a categoria utilizada era “Mulher”. Esta, por sua vez, surge em contraposição à categoria “Homem”, de tendência universalizante e essencialista. Dentro desta perspectiva, o movimento feminista altercava a categoria universal “Homem” pela impossibilidade de incluir questões específicas das mulheres. Assim, era em nome da “diferença” identitária que se reafirmava a “Mulher”, distinta de “Homem”.

As feministas de tendência “separatista” acreditavam que a diferença sexual, no caso, o feminino, era responsável por abarcar uma identidade comum e homogênea a todas, submetidas à dominação do sexo masculino. Desta forma, afirmavam uma ontologia da mulher, desconsiderando diferenças próprias das mais diversas mulheres, enquanto sujeitos históricos e variáveis. “Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma “diferença” – dentro da diferença” (PEDRO, 2005, p. 82), que a categoria “Mulher” não conseguia dar conta.

Em História das Mulheres, Scott (1992) procurou examinar as modificações históricas do movimento feminista, concomitante com as novas discussões epistemológicas que delas variavam. Assim, a autora dividiu a sua análise em três partes, ou períodos: (1) “Profissionalismo” versus “Política”, da década de 1960, período em que uma visão homogênea do movimento feminista favoreceu o discurso de uma “identidade coletiva”: “Mulher”; (2) “História” versus

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

“Ideologia”, do final da década de 1960 e início de 1970, em que tensões se instauram no seio da disciplina História por meio de questionamentos sobre a categoria universal da “mulher”, inaugurando a “diferença” como conceito a ser esquadrinhado: “Mulheres”; e, por fim, (3) “Política” versus “Teoria”, a partir de meados da década de 1970, a categoria “gênero” passa a ser utilizada como conceito teórico da diferença e, ao mesmo tempo, relacional entre os sexos.

Scott (1990), em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* reitera a diferença entre sexo e gênero, articulando-o com a noção de poder. A autora informa que: “O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p. 14).

Em outro artigo, *Prefácio a gender and politics of history*, Scott (1994) aponta que o diálogo com outras disciplinas favorecia sobremaneira a reflexão em torno do gênero. Destacava, ainda, que “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais” (SCOTT, 1994, p. 12). Com base em Foucault, a autora compreende o saber à luz das produções culturais por meio das relações humanas, “no caso, relações entre homens e mulheres” (SCOTT, 1994, p. 12). Entretanto, salienta que não se trata de uma naturalização física e fixa entre homens e mulheres, uma vez que, pelo contrário, “esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida” (SCOTT, 1994, p. 13).

O que a autora está propondo, na verdade, é identificar as mutações do que significava ser homem ou mulher no passado, uma vez que por meio da categoria “gênero” pode-se (re)dimensionar o passado e, ao mesmo tempo, combater o determinismo biológico dos sexos. As abordagens históricas da categoria gênero



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

que acompanham o final da década de 80 e toda a década de 90, do século XX, contribuíram significativamente para examinar mitos e repensar estereótipos.

Num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico como sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento ao espaço do lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando os testemunhos femininos (MATOS, 1998, p. 68).

Como conceito, o gênero tem sido defendido por pesquisadores como uma categoria “neutra” de análise, uma vez que “o gênero concerne tanto aos homens quanto às mulheres, não obstante o grosso das análises que utilizam tal categoria estarem referindo-se às mulheres” (MORAES, 1998, 101). Assim, a categoria gênero pode ser apreendida enquanto semelhante às categorias de classe, etnia ou geração (MORAES, 1998, p. 100, MATOS, 1998, p. 69-70, PEDRO, 2005, p. 77, RAGO, 1998, p. 89). Pensando dessa forma, no sentido de desnaturalizar as representações contidas no imaginário social, bem como a construção das diferenças sexuais, o gênero leva a superar uma lógica binária para lançar luz em uma nova possibilidade de análise, alicerçada em práticas e representações masculinas e femininas (RAGO, p. 1998, 92-93).

Ao relacionarmos empreendedorismo e gênero, em um momento marcado pela significativa presença de mulheres na liderança de importantes atividades empreendedoras, advindas especialmente das conquistas do movimento feminista, torna-se pertinente revisitar algumas conceituações do termo empreendedorismo. O crescente interesse por este campo de estudo tem se dado, especialmente, em virtude de o empreendedorismo ser considerado como a força motriz para o desenvolvimento econômico de um país (CANTILLON, 1680-1734; SAY, 1767-1832; SCHUMPETER, 1883-1950 apud GOMES, 2006), para a solução de crises

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

econômicas e sociais, como as que geram desemprego e subemprego, e para a geração de novas possibilidades de inserção e reinserção produtiva, uma vez que ele se ocupa de rearranjar os meios produtivos existentes, com a finalidade de promover inovações para o mercado.

Conforme Say (apud DRUCKER, 1987, p. 27), “o empreendedor transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento”. Schumpeter (1959), por sua vez, definiu o empreendedor como o agente responsável por realizar, a partir dos recursos produtivos disponíveis, as novas combinações necessárias para a geração de inovações e, se necessário for, o responsável por “educar” os consumidores para que passem a desejar os novos produtos ou para que troquem os produtos consumidos pelos recém-inseridos no mercado sob forma de inovação. Schumpeter propunha com isso o que batizou de “destruição criadora”, que seria a substituição de antigos hábitos de consumo pelo interesse em novos produtos.

Para Fillion (1999) um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões, além de ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos, mantendo um nível de consciência do ambiente em que vive e utilizando-o para detectar oportunidades de negócios. Já Baron e Shane (2007) têm o empreendedor como o agente que após identificar uma oportunidade de criação de algo “novo”, seja esse “novo” um novo produto ou serviço, um novo mercado, um novo processo de produção ou novas formas de organizar as tecnologias existentes, decide ir em frente e reunir os recursos necessários para lançar seu empreendimento.

Baseado nos estudos de Kirzner e Schumpeter, Baron e Shane (2007) expõem duas explicações para existência de oportunidades empreendedoras: Kirzner atribui as oportunidades de negócios às diferentes informações que as pessoas detêm e como elas se mobilizam para maximizar os resultados obtidos a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

partir dessas informações; enquanto que para Schumpeter as oportunidades são derivadas de mudanças externas que tornam possível a invenção de coisas novas, bem como de novas maneiras de se fazer algo de forma mais valiosa.

Essas oportunidades empreendedoras, seguindo o viés das pesquisas de Schumpeter (1959), surgem da convergência de fatores que resultam em mudanças na tecnologia, nas condições políticas, sociais e demográficas e que acabam por alterar o contexto econômico até então vigente.

No Brasil, segundo o Relatório do Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2009), relatório cuja metodologia aplicada considera fatores distintivos como a motivação para empreender (necessidade x oportunidade), a faixa etária e o gênero dos empreendedores, o tempo de atividade dos empreendedores (iniciais x estabelecidos), dentre outros, a atividade empreendedora vem se consolidando cada vez mais, uma vez que o atual contexto do país reúne condições geradoras de oportunidades de empreendimentos, bem como agentes capazes de reconhecer essas oportunidades e mobilizar recursos para empreender sobre elas.

Conforme o Relatório GEM (2009), 15% da população economicamente ativa do Brasil, seja motivada por necessidade ou por oportunidade, está empreendendo numa escala crescente. Pesquisas desenvolvidas no ano de 2008 evidenciam que esse percentual foi igual a 13%. Ainda segundo o mesmo Relatório, o empreendedorismo no Brasil, no ano de 2009, foi caracterizado por um alto percentual de mulheres empreendendo por oportunidade. Em verdade, ao longo de dez anos, como destaca o GEM, o cenário de empreendedorismo do Brasil tem sido marcado por uma expressiva participação da mulher. Os dados de 2009, quais sejam os percentuais de 53% de mulheres empreendedoras e 47% de homens empreendedores, posicionaram o Brasil entre os três primeiros países nos quais o índice de empreendedorismo é maior entre mulheres, fazendo com que a mulher brasileira passe a ser considerada uma das mais empreendedoras do mundo.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

É justamente por conta disso que podemos sugerir como o empreendedorismo, levado a cabo por mulheres conquistenses, no ramo de pensionatos, foi motivado por uma oportunidade – sem negligenciar a necessidade – advinda do fato de Vitória da Conquista se constituir enquanto um pólo regional de educação do Estado da Bahia.

Os pensionatos analisados iniciaram as suas atividades a partir de 1981, momento em que a Bahia vivenciava os resultados de projetos governamentais efetivados, sobretudo, na transição dos anos de 1960/1970. Nessas duas décadas, o Governo baiano envidou esforços para situar-se entre os estados brasileiros que reunia condições para emplacar o projeto de desenvolvimento econômico em voga naquela ocasião. Para tal, ampliou sua atuação no interior do Estado ao realizar uma política de investimento na construção de Distritos Industriais no entorno dos municípios que possuíssem alguma infra-estrutura física; estabeleceu medidas de isenção e renúncia fiscal; concedeu créditos e dotação de infra-estrutura básica nas principais micro-regiões do interior com a perspectiva de instituir o equilíbrio entre os bens de consumo e de capital econômico.

Segundo Lima (2008), a organização de instituições de ensino superior também compunha esse projeto, pois funcionava como importante instrumento de desenvolvimento sócio-econômico de uma região. Vitória da Conquista, a exemplo de outros municípios baianos, refletiu a dinâmica desse processo. Assim, em 1971 foi fundada a Faculdade de Formação de Professores, atual Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, vinte anos mais tarde, em 1991, foi a vez do Instituto Juvêncio Terra, em 1999 a Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC, em 2001 a Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR, em 2006 o campus da Universidade Federal da Bahia – UFBA e, por fim, em 2008, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. O estabelecimento dessas instituições propiciou um ambiente profícuo para o surgimento de novas



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

oportunidades de negócio, como foi o caso dos pensionatos analisados. Esses foram estabelecidos acompanhando o processo de instalação das instituições supracitadas, o que pode ser constatado quando observado que 12,5% foram fundados na década de 1980, 37,5%, na década de 1990 e 50% no primeiro decênio do século XXI. Isso evidencia que, como assevera Lopes (2003), a educação superior tem se revelado de suma importância nas economias locais, especialmente nas regiões e municípios menos desenvolvidos, em função do volume de recursos financeiros movimentados, gerando efeitos positivos sobre a estrutura produtiva local.

Dentro desta conjuntura histórica, no recorte espacial privilegiado pelo presente estudo, no setor de pensionatos, constatou-se que, dos empreendimentos pesquisados, 87,5% foram idealizados e são operacionalizados e gerenciados por mulheres, enquanto que somente em 12,5% desses empreendimentos foi percebido que a idealização, a operacionalização e a gerência ocorrem em forma de parceria entre os cônjuges. Entretanto, os 12,5% dos empreendimentos evidenciam os locais e/ou papéis sociais destinados historicamente aos sexos masculino (público) e feminino (privado), haja vista que, nesse caso, é reservado à mulher cuidar das atividades circunscritas aos afazeres domésticos, enquanto que ao homem cabe o papel de administração, ou seja, desenvolver as atividades que fogem da cartografia do doméstico, numa clara alusão às relações de poder explicitadas por meio do gênero.

Essa análise cairia em uma simplificação se não levássemos em conta a problematização das oposições binárias entre público e privado, pois no momento em que o espaço familiar (casa/privado) é transformado em uma atividade rentável (pensionato/público), aberto a uma clientela rotativa capaz de pagar pelos serviços domésticos (alimentação, moradia, lavanderia, dentre outros), a mulher passa a experienciar novas relações sócio-culturais e econômicas no



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

interior do espaço familiar, agora público, dentro do espaço do pensionato, outrora privado. Em outras palavras, as condições exógenas abriram possibilidades para que as mulheres buscassem novas oportunidades de renda, flexibilizando, inclusive, a relação público/privado, uma vez que o novo contexto transformou a casa em pensionato.

Dentro desse espaço público, a casa transformada em pensionato, as relações de poder tornam-se explícitas. Podemos também verificar uma significativa presença feminina na gerência do negócio, uma vez que 87,5% dos empreendimentos pesquisados são administrados por mulheres. Não obstante, quando observado que 100% das atividades domésticas executadas no pensionato são desenvolvidas por mulheres, esse indício revela que, ainda hoje, há a permanência de determinados papéis a serem desempenhados de acordo com os sexos, algo que historicamente é referendado pelo discurso falocrático.

Outro aspecto interessante observado é que 87,5% dos estabelecimentos que foram apreciados são administrados por mulheres que não contam com nenhum apoio masculino. A capacidade empreendedora dessas mulheres torna-se evidente no momento em que 87,5% dos empreendimentos analisados não receberam nenhum suporte técnico ao longo de sua organização e posterior gerenciamento. Soma-se a isso o fato de que 75% das proprietárias dos pensionatos não possuíam outra fonte de renda no momento em que iniciaram os seus negócios.

No município de Vitória da Conquista, o suporte técnico e as linhas de financiamentos destinados para as pessoas que investem no ramo de pensionato mostram-se deficientes, seja na oferta de crédito ou na divulgação de informações a respeito da possível existência desses, pois, como mencionado anteriormente, 87,5% dos empreendimentos pesquisados não contaram com nenhuma forma de assessoria administrativa. Ademais, o capital destinado para a abertura desses



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

empreendimentos foi oriundo de empréstimos familiares (12,5%), ou de economias pessoais (75%). Tais dados evidenciam os constantes obstáculos que as mulheres tiveram que superar no momento em que decidiram lutar por um espaço no mercado de trabalho. Soma-se a esses obstáculos, de ordem técnica e financeira, os oriundos de hábitos culturais, posto que 25% das mulheres entrevistadas destacaram que membros de sua família demonstraram-se reticentes no momento da decisão de iniciar o empreendimento. Os espaços público/privado, que antes eram bem demarcados, passam a se confundir, problematizados a partir de uma confluência. Voltar-se para a diferença binária entre público/privado é, conseqüentemente, estabelecer essa relação com a oposição macho/fêmea, em que o público é visto positivamente como masculino, e o privado negativamente como feminino.

Pensando na instabilidade que cerca o imaginário coletivo das mulheres entrevistadas, uma vez que o discurso falocrático busca desenhar estereótipos femininos sob as rubricas de frágeis, e inabilidosas para questões tidas como públicas, foi possível averiguar que 75% das mulheres que administram esse espaço complexo que é o pensionato, afirmaram já terem pensado em desistir do empreendimento.

Analisando a trajetória das mulheres que administram os empreendimentos pesquisados, pôde ser constatada uma luta permanente pela inserção no mercado de trabalho, pois 62,5% das entrevistadas possuíam outra atividade remunerada antes de abrirem o seu próprio negócio. Essas atividades variavam desde professora, costureira, comerciária, bancária até comerciante. Esta última possuía um comércio de roupas nominada de “Adão e Eva”. Tal dado pode parecer, a princípio, irrelevante. No entanto, como parte integrante dos estudos de gênero, alicerçada em uma metodologia que busca privilegiar os indícios, as pistas e os detalhes, ele é extremamente importante e revelador, uma vez que evidencia a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

continuidade dos pares opostos na divisão dos lugares sociais destinados ao homem e a mulher. Ora, Adão e Eva formam um par oposto da religião cristã ocidental, haja vista que o primeiro termo (Adão/homem) está ligado à positividade da criação divina, enquanto que o segundo (Eva/mulher) está relacionado à negatividade, ao pecado responsável pela decadência da humanidade.

Diante desses dados, o que se verifica no ramo de pensionatos em Vitória da Conquista é que as mulheres, ao se tornarem donas do próprio negócio, seja por necessidade de complementação de sua renda familiar, ou ainda por satisfação pessoal, hobby, ou por terem identificado uma oportunidade de negócio, têm se destacado como empreendedoras, passando de meros objetos de contemplação, a sujeitos históricos capazes de promoverem significativas transformações, não apenas no cenário sócio-cultural, mas, sobretudo, no atual mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e desafiador.

### REFERÊNCIAS

BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: Uma Visão do Processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1987.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v.34, p. 05-28, abril/jun. 1999.

GOMES, Almiralva F. **Mulheres Empreendedoras**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006.

LIMA, Iracema Oliveira. **Autonomia Universitária controlada: o político e o jurídico-institucional na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. (Tese



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar). São Carlos-SP, 2008.

LOPES, Roberto Paulo Machado. **Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2003.

MATOS, M. Izilda S. Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. **Cadernos Pagu**. n. 11, p 67-75, 1998.

MORAES, M. L. Q. Usos e Limites da Categoria Gênero. **Cadernos Pagu**. n. 11, p. 99-105, 1998.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, vol. 24, n.1, 2005, p.77-98.

RAGO, Margareth. Descobrimo Historicamente o Gênero. **Cadernos Pagu**. n. 11, p. 89-98, 1998.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol. 16, N° 2, p. 5-22, jul/dez 1990.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: Burke, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Ed. UNESP, 1992, p.63-95.

\_\_\_\_\_. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.